

A razão em «A razão experimental» de Leonardo Coimbra

1. Quando um filósofo sente a necessidade de definir a razão, assiste-se quase sempre, por esse meio, à negação ou superação de noções de razão partilhadas por outros. A razão exprime-se, não se define, embora se reconheça a tentação da filosofia, preferindo, não raro, deixar-se prender pelas malhas da definição, em vez de acolher o natural impulso de a manifestar.

Leonardo Coimbra, que, geralmente, não se perde em escaramuças de apuramentos nocionais, dedica à razão uma obra bastante larga, «A razão Experimental», onde são iniludíveis os pruridos de esclarecimento da sua natureza. Passa, aí, a penetrante fieira, as mais significativas correntes e os grandes nomes da história da filosofia. Este método e a sua conhecida sensibilidade ao tempo poderiam levar a crer que a referência às noções de razão dos outros significa a imprescindível escala para a elucidação do seu próprio entendimento dela, consciente da estrutura histórica da razão. Mas, não obstante o positivo acolhimento dispensado à especulação dos outros a respeito da razão, mais importante do que ele é a denúncia das insuficiências de muitas dessas noções, o que, por outro lado, não justifica uma outra eventual interpretação, a do teor dialéctico da razão, cujo desenvolvimento se processaria em constante negação.

2. Se as correntes filosóficas e os seus mais representativos autores aí são dissecados criticamente, a produção científica, mesmo quando discutida, é também aí desenvolvida com superlativos encómios, como se fosse ela a mais lídima expressão da razão. Não se trata, contudo, duma atitude antifilosófica, a contrastar com outra filocientífica, aliás não plausível num pensador para quem se torna irrecusável a ultrapassagem do nível científico pelo filosófico.

A tónica da ciência, a sobrepor-se eventualmente à da filosofia, para lá de alguns motivos de carácter exterior, que a legitima, favoreceria o percurso metodológico de Leonardo Coimbra, que procura antes aprender estruturas constitutivas do que descrever germinações históricas, vistas tais estruturas como «(...) um quadro formal, onde, quaisquer que sejam as causas, estes fenómenos encontram lugar»¹.

3. Evidenciar as radicais estruturas da razão, presidindo ao processo de manifestação na história da filosofia e na ciência, tal parece ser o primordial intuito do nosso filósofo, servindo o tom crítico, que o acompanha, para aprofundar e discutir níveis, de modo a poder denunciar outros planos que, não obstante serem frequentados por filósofos de qualidade, devem ser considerados superficiais, como no caso dos dualismos kantianos.

Leonardo Coimbra efectua assim uma transferência de planos, enraizando os de tendência gnosilógica e epistemológica, tidos frequentemente por os mais radicais, em outros mais amplos e complexos, de natureza ética e ontológica. Para aí chegar, o pensador português não tem escrúpulos em palmilhar os caminhos da história, da psicologia e da sociologia, método que faria corar os puristas da transcendentalidade, mas que conduzem privilegiadamente à complexidade do real.

Será ainda esse processo de aprofundamento, em direcção a um nível mais radical e complexo, que encontrará, em vital comunhão, *ciência, filosofia, arte e religião*, aliás todas elas expressões do mesmo acto criador.

4. A estrutura fundamental de todas essas manifestações, inclusivamente as de teor científico e filosófico, é metaforizada por Leonardo Coimbra com o modelo do *acordo social*, de iniludíveis ressonâncias jurídicas e ético-sociológicas, mas que ele não tem relutância em considerar «matriz da razão»².

O nosso pensador vai até mais longe e, para lá do *acordo social*, embora na mesma direcção, vê toda a realidade percorrida por uma dinâmica de formas articuladas segundo o modelo de um *abraço* ou, para utilizar os seus próprios termos, um «abraço unificador»³.

¹ *A Razão Experimental*, em «Obras de Leonardo Coimbra», Ed. Lello & Irmão, Vol. II, Porto, 1983 (edição por que citaremos).

² *Op. cit.*, p. 543.

³ *Op. cit.*, p. 348.

Até mesmo a actividade judicativa, tão relevante para Leonardo Coimbra como para Kant, é inserida nesse nível ontológico, que a metáfora dinâmica e afectiva do *abraço* expressa. Assim, as «últimas realidades físicas, são átomos de acção solidários; as últimas realidades biológicas átomos de existência em colónia, sinergia de funções, órgãos tecidos e elementos; as últimas realidades psicológicas actividades sintéticas solidárias e universalizantes»⁴, sendo a adaptação biológica «uma forma implícita de conhecer»⁵. Todo este processo solidário e ascendente terá, na organização da sociedade, a sua superior manifestação.

5. A partir daqui, pode compreender-se melhor o tom crítico de Leonardo Coimbra em «A Razão Experimental». Com efeito e como já foi dito, ele não decorre duma superação dialéctica, por parte de Leonardo Coimbra, das expressões anteriores de razão, mas antes dos *dualismos*, *formalismos* e *fixismos* gerados pelo repouso em níveis superficiais. Sendo a realidade um processo activo de unificação e diferenciação, como aliás o modelo do *abraço* expressivamente sugere, esses *dualismos*, *formalismos* e *fixismos* serão um artifício redutor duma realidade mais abrangente. Nada é fixo, nada persiste dissociadamente e o conhecimento não se cifra na dualidade duma forma introduzida, numa matéria informe, como pensava Kant, sem dúvida, neste ponto, insigne representante de frequentes tendências da história do pensamento. Tudo é simultaneamente racional e experimental, analítico e sintético, indutivo e dedutivo, material e formal, porque a razão verdadeira é a *razão experimental*.

6. Tendo presente essa estrutura fundamental da realidade, qualquer forma de atomismo deixa de ter sentido, residindo nele a verdadeira negação da razão, como acontece em manifestações dualistas, que não passam de modelos atomizados. A razão não é, pois e apenas, uma faculdade humana de organizar o real disperso, menos ainda um instrumento eficaz de manipulação do real, embora o mundo mental, pela sua peculiar unidade orgânica, se queira erigir em paradigma da razão, reduzindo toda a realidade ao seu modelo.

Torna-se agora possível compreender mais claramente tanto as intuições fundamentais da Leonardo Coimbra, como as influências

⁴ *Op. cit.*, pp. 795 s..

⁵ *Op. cit.*, p. 800.

acolhidas na sua obra e ainda as suas preocupações mais prementes, o que ajudará a esclarecer a natureza da razão.

Sempre o enigma dum autor e duma obra pretendeu ser decifrado por uma única razão, que seria a intuição fundamental, a fim de, a partir desta, interpretar todo o desenvolvimento da produção filosófica. É talvez uma forma de simplificar a complexidade duma obra que extravasa sempre o entendimento dela. Por outro lado, a suposta abrangência da simplicidade da intuição é também ela complexa, nada simplificando, então. No entanto, sem mesmo se ter uma ideia clara da questão, admite-se que, para Leonardo Coimbra, a tal ideia fundamental é aquela que foi condensada na metáfora do *abraço*, pela qual vê a vida de toda a realidade em processo de convergência, aproximando tudo de tudo, simultaneamente unindo e diferenciando. Se esta é uma interpretação correcta, a universal amplitude do modelo, que traduz a ideia, dilucida também a natureza da razão.

O mesmo sucede com as influências exteriores, que são importantes, não só por suscitarem viragens significativas, mas talvez sobretudo por enriquecerem e confirmarem as intuições fundamentais. Além de outras presenças, é indeclinável a incidência de algumas teses positivistas, designadamente o entusiasmo pela ciência — uma espécie de ideal da razão —, bem como as articulações sociais da mesma ciência.

A vida do filósofo, porém, não é um caudal de espontaneidades. As pressões da existência enquadram as intuições fundamentais e determinam o acolhimento das influências especulativas de outrem. Para lá da atracção do modelo do *abraço* e da perspectiva sociológica veiculada pelo positivismo, a preocupação com a engrenagem social do seu tempo dominou as melhores fibras do seu espírito. O homem, obretudo a comunidade humana, onde aquele se realiza, representam nele uma atracção e um tormento. A importância da questão pode aferir-se pela radicalidade do nível a que a conduz, já longe dos planos simplesmente sociológicos em que o positivismo — e os políticos — a tinham deixado. É na questão social — na questão comunitária — que Leonardo Coimbra vai testar a qualidade da razão, pois é também na organização social — comunitária — que a razão melhor se revela. A relevância da questão social serve também para deslocar a análise da razão dos estratos gnosiológicos, em que geralmente é situada, para os altos níveis da vida humana, de modo a compreender-se, a partir daí,

que a razão é «órgão do acordo social»⁶, sendo então indissociáveis o pensar e o conviver. A articulação entre razão e sociedade é de tal modo estreita que Leonardo Coimbra pôde alimentar a ilusão — e a ingenuidade — de ver, numa sociedade de sábios, a consignação de todos os ideais da humanidade⁷.

De facto, segundo o nosso filósofo, tudo na existência humana, em consonância com a estrutura ontológica da realidade, tende a organizar-se em sociedades, que é também a forma natural de manifestação da liberdade. Todas as sociedades nasceram dessa tendência, sendo por isso expressão de liberdade, mas nem todas desenvolveram essas características no seu percurso, pois algumas delas — emblematicamente designadas «sociedades totémicas» — se anquilosaram numa espécie de sonolência colectiva, autoritária e sacralizada⁸, em que a razão é imposta e não assumida livremente pelos membros da sociedade, o que sucede na chamada *velha razão*⁹.

Contudo, nas sociedades em que se realiza a *nova razão*¹⁰, mantendo-se essa coesão social embora, o foro individual não é anulado, sendo mesmo irredutível, competindo-lhe construir e aceitar livremente os princípios da sociedade e da ciência, pois «(...) tem de haver o universalismo concreto dum abraço total, mas também a marca singular do ponto, origem do estremecimento, onde se inicia esse abraço»¹¹. De tal forma a intervenção livre do indivíduo é importante, tanto para criar como para aceitar, em termos de acordo, que o progresso da ciência e da sociedade processa-se por rupturas e revoluções, sempre difíceis de estabelecer por uns e de aceitar por outros. Aí, como sempre, juízo lógico e juízo moral não apelam para uma dupla faculdade, visto serem «esboços do mesmo gesto do Espírito, estremecimento da mesma onda de vida»¹². É a sociedade pujante, *boa*, diríamos nós, que produz a *boa*, acrescentaríamos, ciência, a recta razão.

7. Tudo isto é sintetizado por Leonardo Coimbra no seu grande princípio de *máxima racionalização*, «(...) isto é, da melhor unidade na

⁶ *A razão experimental*, p. 700.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Op. cit.*, pp. 540, 544, 555, 736.

⁹ *Op. cit.*, pp. 688, 700.

¹⁰ *Op. cit.*, p. 583.

¹¹ *Op. cit.*, p. 706.

¹² *Op. cit.*, p. 549.

mais opulenta diversidade, que é também princípio de beleza, é o próprio desenho da sua fisionomia.»¹³

Traduz por ele a ontológica tendência de toda a realidade, o sentido desta, adoptando-o por isso como critério de explicação do progresso científico. Trata-se, uma vez mais, de ver a razão na tendência e articulação de tudo com tudo, não a circunscrevendo ao universo mental construído pelo homem, representando esse universo um índice e um símbolo dum todo orgânico mais radical. Não se restringe também ao campo científico, o qual não se poderá manter dissociado dos planos ético-social e entológico, sendo, em função destes ou ao menos em concomitância com eles, que a ciência se desenvolve. Do cósmico ao social, «(...) o acordo social evolui por virtude das relações com o meio (...)»¹⁴. Não se fica, porém, esse acordo a nível horizontal, no perímetro entre o cósmico e o social. Tanto ou mais importante do que esta articulação é a referência a uma sociedade transcendente, já que «Cada homem faz parte das sociedades reais de que é sócio e duma sociedade ideal para onde o erguem os melhores movimentos do seu espírito.»¹⁵

A razão não é compatível com o avulso, com a existência bloqueada, aporética, o que sucede não só quando os homens e as coisas se dissociam entre si, mas também quando são amputados dos seus anelos para o Transcendente, pois será sobretudo esse *abraço* que fundamenta e realiza a vocação ontológica de toda a realidade. O que para algumas filosofias deveria ser colocado entre parêntesis ou situado fora do plano da razão, assume em Leonardo Coimbra o seu papel nuclear, dado ser incompreensível o sentido das coisas não só fora da relação entre elas, mas também esquecida a relação das mesmas à Transcendência, o que supõe, em última análise, que o princípio de toda a razão é a própria realidade transcendente entendida como personificação infinita do modelo do *abraço* — não qualquer divindade, mas a Divindade cristã.

JOAQUIM CERQUEIRA GONÇALVES

¹³ *A razão experimental*, p. 707.

¹⁴ *Op. cit.*, p. 543.

¹⁵ *Op. cit.*, p. 796.